

A SEMANA

CORTE
 Trimestre..... 2\$000
 Semestre..... 4\$000
 Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS
 Semestre..... 4\$000
 Anno..... 8\$000

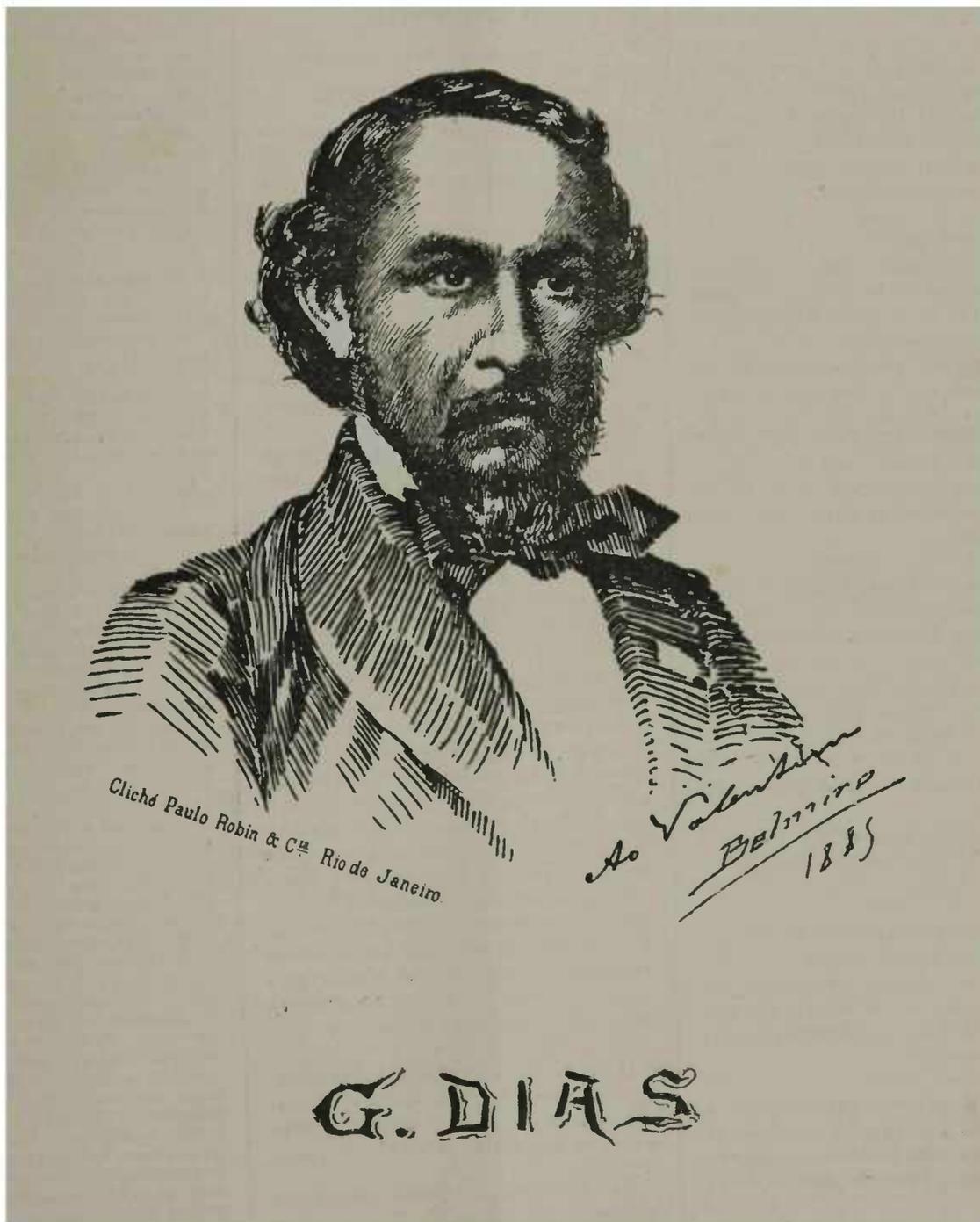
Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



SUMMARIO

Expediente.....	« A SEMANA ».
A nossa primeira pagina.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	ORYC.
Politica e politicos.....	H. DE MAGALHÃES
O crime, dois sonetos.....	JULIA LOPES.
Não serão de marinheiros.....	M. VALENTE.
Os nossos livros.....	ADELINA VIEIRA.
Contraste, poesia.....	C. DE AZEVEDO.
Beppa.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	LORGNON.
A vida elegante.....	FR. ANTONIO.
Tratos á bola.....	P. THALMA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Recemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; e quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.

Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

Mandamos imprimir em magnifico papel alguns exemplares do retrato de Gonçalves Dias que hoje damos na primeira pagina. Estão a venda em nosso escriptorio e em algumas das mais importantes livrarias.

A SEMANA

Rio, 24 de Outubro de 1885.

A NOSSA PRIMEIRA PAGINA

Nó nosso numero passado escrevemos: «No proximo numero encontrarão os nossos leitores uma BELLA E GRANDE SORPREZA!»

Como é nosso costume, cumprimos a promessa. A surpresa annunciada damola em a nossa primeira pagina:— um novo retrato de Gonçalves Dias; mas d'esta vez um retrato ás devéras, um bello trabalho artistico.

Quando publicámos, no n. 38, o promettido retrato do grande poeta dissemos com toda a franqueza:

«O bello desenho de Belmiro de Almeida não pôde ser apreciado em todos os seus detalhes e delicadezas porque, sendo o processo de gravura por que foi reproduzido inteiramente novo entre nós, é este trabalho um simples ensaio, uma tentativa, para cujas naturaes imperfeições pedimos desculpa aos nossos assignantes.»

O retrato, como previamos e declaramos, não agradou.

Tinhamos a consciencia da inandade dos nossos primeiros esforços, e, zelosos do nosso bom nome, e gratos á estima publica, de que temos vivido e esperamos viver longamente, resolvemos offerecer aos nossos assignantes um novo retrato de Gonçalves Dias.

Para esse fim procurámos o acreditado estabelecimento dos Srs. Paulo Robin & C.—que até então ignoravamos trabalhasse pelo processo phototypico—e encarregámo-lo de fazer a gravura do mesmo admiravel desenho de Belmiro de Almeida.

O resultado não podia ser melhor. Acreditamos que d'esta vez nem os nossos assignantes nem o nosso distincto collaborador artistico terão de que se queixar.

Que reconheçam aquelles neste facto o desejo que temos de lhes agradar sempre e que não nos poupamos a sacrificios sempre que tenhamos de nos desempenhar de um compromisso para com elles contrahido.

A SEMANA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana de chuva e sol; humida e quente. Bategas de agua inundando as ruas, ou chuva miudinha, impertinente, cirandada, inphiltrandando-se nos casacos, humectando a epiderme e preparando as bronchites do futuro. De repente, sol escaldante, de acender charutos, comburindo tudo!

Um horror!

E no meio de tudo isto o governo impassivel, confeccionando prologos de eleições, sem se importar nem com o suor do povo, nem com as catharraes burocraticas. Tudo está morto e esphacelado! As instituções ruem, abaladas pelo sopro ardente das revoltas... do estomago. Já não ha rogos nem preces que movam ou commovam a Providencia.

E o governo—calado!

Que é isto?

E' que quando o governo intervem nas determinacões da Natureza, a cousa torna-se ainda peor. Provam-no os projectados açudes do Quixadá. A torrente d'agua que os devia encher transformou-se em torrente de ouro para o feliz empreiteiro da obra. Agora pôde no Ceará haver secca á vontade! S. M. Jules Revy—Rei dos Canos—está saciado: dissedntou-se abundantemente na larga talha do thezouro.

Que a *Gazeta de Noticias* lhe seja leve.

Os dias succedem-se mas não se parecem. Os escandalos, ao contrario, succedem-se e parecem-se.

A nomeação, para lente da importante cadeira de clinica obstetrica e gynecologica da faculdade de medicina da Bahia, do Dr. Climerio Cardoso de Oliveira, com preterição do Dr. Rodrigues Lima—é uma vergonha que deve passar da ephemera historia dos sete dias para a eterna historia dos escandalos e patifarias do segundo reinado.

Abolio-se com um traço de penna o principio liberal dos concursos; a encyria, vencendo a aptidão e o merito, galga as posições officiaes amparada por outra ineptia—a do governo.

De maneira que para a caleira de partos é nomeado um medico que provou ser muito menos parteiro do que o seu competidor. As mulatinhas da Bahia que agradeçam ao governo esta nomeação.

Quanto ás manifestações dos estudantes, temol-as por inteiramente improficuas. O governo quando decide, decide e acabou-se.

Ainda ha principes da velha raça cavalheiresca e generosa da idade media!

Esta semana deu-se um facto que nos fez brotar um enorme defluxo de entusiasmo pelo Sr. Conde d'Eu. Nós não tinhamos por o illustre vencedor de Perrrybebuy uma admiracão muito grande, isso não tinhamos; o principe tem para nós uma qualidade detestavel, que o irmana a qualquer remendão de esquina ou a qualquer chefe de policia da corte: S. A. usa *cavaignac*! Esta circumstancia, que tanto tem contribuido, embora de modo tácito, para o desprestigio da monarchia nacional, punha o valente D. Gastão ao obrigo da nossa feroz sympathia. Nós não adiamos os principes: odiamos as *péras*. Se a desconceituada hydra da reacção, em vez de atacar as iustituções, atacasse os *cavaignacs*, nós seriamos da hydra. A hydra que se resolve, e ha de ver.

Mas nos estamos entusiasmados com S. A. pelo seguinte facto: Na sexta-feira passada, uma praça do piquete imperial, ao transpor o portão do arsenal de marinha, foi arrojada ao chão, ficando muito maltratada.

O *Jornal* acrescenta que S. A. o Sr. Conde d'En, logo que viu o desastre, dirigio-se ao soldado, interessando-se pelo seu estado!

Magnanimo principe!

Viram, Srs. republicanos?

S. A., vendo o desastre, dirigio-se para o soldado! Admirem os povos. O soldado cae, torce um pé, grita, amparam-n'o. O principe, se fosse outro, podia ficar muito caladinho, sem se importar. Mas o Sr. Conde, não; vê o desastre e amal-o... quer dizer—ver o desastre e dirigir-se para o soldado foi toda obra de um momento.

Mas S. A. não se dirigio apenas. S. A. fez mais, fez muito mais! Depois de se dirigir ao soldado... Faltam-nos até palavras para narral-o!... depois de se dirigir, S. A.—Oh! cous!—S. A. interessou-se! Interessou-se? Interessou-se pelo seu estado.

Querem saber agora qual era o estado da praça? (Não esperem aqui um calimburgo)—era solteiro. S. A., sabendo d'isso, logo depois de se ter dirigido,—interessou-se. Mas também aquelle era um estado interessante.

De principes assim é que a Europa precisava para a questão do Oriente e para debellar as pretenções da Russia na Asia. S. A. chegava lá, e o seu primeiro movimento era dirigir-se; depois, já se sabe: S. A. interessava-se, e estava tudo prompto: nem questão do Oriente, nem Russia, nem nada! Paz geral e interesse particular.

Hosana, principe! Salve!

(Os leitores, se não estiverem muito occupados, podem tanger o hymno).

Rodolpho Bernardelli, o glorioso pensionista da academia de Bellas-Artes, ha pouco chegado da Italia, foi no meado professor de estatuaria da mesma academia e agraciado com o officiato da Rosa.

Talvez o governo nesta nomeação não procedesse justo, mas é força confessar que procedeu bem. Mesmo porque não sabemos quem teria coragem de se apresentar num concurso ao lado do talentoso artista.

Foros de artista e largos deram-lh'os já os seus bellos trabalhos originaes em gesso—Santo Estevam, S. Sebastião e a *Faceira*,—a deliciosa *Faceira*, toda resumbrante de garridice e de graça,—e com estes originaes a excellente copia em marmore da *Venus Callipygia*; agora, com a exposição dos seus dois novos trabalhos, obteve Bernardelli a consagração do seu nome.

Não cabe nesta chronica nem mesmo a noticia impressiva e ligeira dos ultimos trabalhos de Bernardelli. Em artigo especial, de Aluizio Azevedo, *A Semana* cumprirá o dever de apreciar os notaveis trabalhos do joven escultor. Seja-nos permittido, porém, dizer a Bernardelli que nunca vimos obra que tanto nos impressionasse como o seu grupo do *Christo e a adultera*. Bellissimo trabalho. O pannejamento é de uma verdade prodigiosa; a tunica inconsutil do Christo, abundantissima de proporções, calhe com toda a molleza do panno na maior e mais flagrante verdade das dobras e das rugas, desenhada de tiras lisas umas, e crespas outras como uma polpa de fructo pennugento, com uma superficie escabiosa. De igual perfeição e identico acabamento é a colcha que envolve a meio a mulher; sente-se um tecido mais fino e mais leve, mais flexil e mais frouxo, habilmente repuxado no dorso da estatua pela posição dobrada do esplendido tronco.

O rosto da mulher é de uma verdade de expressão admiravel e felicissima. Todo o tumultuar dos sentimentos encontrados que deveria produzir a si-

tução—o pudor, o medo da turba, a consciencia da culpa, a confiança na protecção do Christo, tudo se vê claramente impresso nas contracções rapidas d'aquelle rosto, nos vincos fundos da testa, na hallucinação do olhar.

A cabeça do Christo, de uma energia que abala pelos fundamentos a velha convenção dos Christos delambidos e marfinizados, tem também muita verdade e muita expressão.

A linha geral é severa e imperativa; a attitude nobre e serena. Aquelle homem, que assim estacava diante da multidão furiosa, so com semelhante gesto a poderia conter. A acção precede a palavra; os labios, levemente arregaçados, falam. *Qui est sine peccato...*

O que a academia possa ter gasto com as pensões do seu extraordinario alumno, retribue-lh'o elle quadruplicado, talvez, em bellas obras d'arte.

Parabens à arte nacional.

Bravo, Bernardelli!

FILINDAL.

POLITICA E POLITICOS

Está em vespuras de morte o poder municipal.

Os desmandos e a ineptia de muitos dos seus figurantes levam o governo a intervenções contra direito, à ingerencia offensiva dos foros da Camara.

O inquerito policial, iniciado para desvendar criminosos vulgares, encontra em posição de reus os eleitos do povo. Levianamente trazido a publico, sem que a prova se fizesse inilludivel, esmagadora contra os indigitados auctores do criminoso imposto lesivo a invernistas e creadores, estonteou a opinião publica, precipitou o governo em acto de rigor, levando-o a castigar antes da apuração do delicto.

O annotador considera mesquinhos os castigos taxados em lei, caso se verifique o delicto dos vereadores; e, a confiança de que eram depositarios, o alto dever de guardarem impolluta a honra da corporação, tudo agrava a culpa, arredando a complacencias.

Mas, de par com o escrupulo necessario em assumpto de igual monta, é preciso evitar que a sombra de arranco primitivo, rasguem-se alforrias populares.

Dê-se castigo aos delinquentes; guarde-se culto, porem, às liberdades constituidas.

O nosso povo resente-se de anomalias psychicas dignas de exame. Assim é que, em conjuncturas taes, cura menos do fundamento da interferencia governativa do que da reprimenda immediata.

Indolente e sceptico, estima os actos dos governos que lhe economisam esforço de pensar e agir, esquecendo nesse abandono a ruina de seus direitos, a crescente absorpção do estado sobre o individuo.

Descobre por tal modo profunda debilidade no seu caracter, e, apanhado em epoca de constituição e desenvolvimento por uma politica artilosa, insinuando descaros de arbitrio, sopitando pelo desdem, pela guerra das resistencias passivas, a energia popular, mostra-se desidiioso e fraco.

Atravessamos um tempo em que a franqueza, sendo uma definição atrevida, vale um protesto contra o entorpecimento geral. E o annotador leva o ardimento a produzir censuras, pois que todos os dias renascem as scenas de escandalo e impudor, de parceria com os actos discricionarios do governo.

E' completa a fallencia moral, e faz-se preciso muito zelo e muito brio, para salvar a alma da patria, nessa liquida-

ção cujos factores ascenderam do impudor individual ao delicto das corporações.

Pesadissima tarefa nos lega a geração que governa!...

ORVC.

O CRIME

I

A VISÃO DA FLORESTA

Emboscado, o cruel, da matta em negra alfombra,

A' victima indefesa atirou-se, sedento!

Varou-lhe o peito a faca, e, a tactear na sombra,

Pol-a em cova que abrio no terreno areiento,

E partio. Mas depois, uma vez, que, soturno,

Caminhava o algoz em pleno meio dia,

— Imagem de Caim, Moroch taciturno,—

Encontrou na floresta uma arvore sombria!

Notou que em vez de fronde, humana cabelleira

A arvore cobria, a distillar sanguieira,

E que, por fructos, tinha a pender-lhe das galhas

Muitos olhos,—eguaes aos do homem trucidado

Ali, por elle,—s, então, fugio horrorizado,

Ouvindo atraz de si um rasgar de mortallas!...

II

OBSEDAÇÃO

E d'ahi por deante, o algoz achou-se preso

Nos tentaculos cruéis de um remorso feroz!

E nunca mais sorrio... Era-lhe até defeso

Olhos de alguém fitar, ouvir humana voz.

As janellas da choça um longo olhar aceso

Lançavam-lhe: a tremor elle as tapou, e após

Respirou! mas na sombra inda sentia o peso

Enorme da consciencia,—a justiceira atroz!

Odiava a lua e o sol de pupillas radiantes!

Possesso de terror, perfarou iracundo

Os olhos à mulher e aos filhos, o sicario!...

Em tudo descobria olhares condemnantes!

E enlouqueceu, por fim, ao meditar que o mundo

Tinha a conformação—de um olho extraordinario!'

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

NUM SERÃO DE MARINHEIROS

O vapor singrava as tranquillias aguas do mar, balançando-se monotono. Ouvia-se a helice numa cadencia rythmica.

Era noite; uma noite quente, serena, bella. No fundo escuro do ceu brillavam as estrellas por entre castellos de nuvens prateadas. A lua, ora velada ora descoberta, inundava de luz o tombadilho. A' roda do paquete a agua revolta formava como que um ninho de espuma, alva e phosphorecente.

O vapor levantára ferro nesse mesmo dia. A' proa, os marinheiros narravam aventuras dos seus dias de folguedo em terra. Unicamente um d'elles tinha lá a familia; por isso ao chegar chorára de alegria, ao ver de longe as sombras curvas das montanhas, e acenára feliz ao divisar nitidamente a cidade onde nascera, onde deixára um passado na casa em que brincára em pequenito, nas ruas que mais frequentára, na escola, e no tumulto da mãe; mas onde o aguardava também o porvir no sorriso adorado de um filhinho e no amor saudavel da esposa. Esse, com os olhos rasos de pranto e os labios cheios de riso, descrevia a sua chegada ao lar.

Logo que sentira terra firme embaixo dos pés, correra para casa, entrára com o coração treunulo e a respiração cortada.

Do corredor vira a salinha; bem em frente, pela janella aberta, num relance conhecera as roupinhas do filho penduradas nos galhos seccos de uma larangeira. A mulher estava ali, bem perto, contra a claridade, curvada sobre a taboa de engommar, com as tranças soltas e as mangas arregaçadas. Mal lhe distinguira o perfil incorrecto no fundo luminoso do quadro; e a voz do marinheiro grossa e forte tinha umas modulações doces e maviosas ao dizer que aos pés da mulher, numa esteira, o seu pequenito tentava levantar-se agarrando-se ás saias da mãe, até que a esposa, descansando o ferro, voltára-se de frente, curvara-se e tomara nos braços o menino soffregio. Foi então, ao erguer-se, que os seus olhos se encontraram; elle, de commovido, nem falara nem se movera tampouco!

Abraçaram-se, transportados de alegria, e a creança, então, assustada, desatara a chorar.

Contava uma outra historia um outro marinheiro. Este, tivera as alegrias da taverna, ouvira tocar violão como nunca, e como nunca bebera tão bom vinho!

Davam todos o seu contingente para o serão, contando scenas de terra, alegres e aventurosas.

Cansaram-se porfim.

Tomou então a palavra um velho lobo do mar.

Espalhados aqui e acolá, os marinheiros dormiam; estendidos uns, que haviam perdido em terra a noite antecedente; e fumavam em seus cachimbos outros. Os grumetes, sentados, segurando os joelhos com as mãos entrançadas, ouviam interessados as historias do velho, que, sobre um rolo de cordas, com o barrete deitado para traz, narrava episodios da sua vida passada.

«Tive o primeiro desgosto, principiou elle, aos doze annos.

Era grumete num navio de vela, o *Veloz*.

Puzeram-me para ali sem recommendações; por isso tambem tinha o tratamento de cão sem dono. Como, louvado seja Deus, fui sempre muito estúpido, não me revoltei nem procurei livrar-me do captiveiro.

O capitão era mau homem, severo, rispido ás direitas. Os marujos batiam-me e empurravam para mim todo o serviço. Eu resignava-me a tudo; tinha um genio desgraçado!

Revoltas de dignidade? eram cousas que abafava como verdadeiros crimes!

Um dia, porém, chegou-se para mim um marinheiro novo, deu-me do seu fumo, tratou-me como igual...

Adorei-o!

Tornámo-nos inseparáveis.

Assim viviamos, alegres e felizes, quando uma noite, julgando-me adormecido, levantou-se pé ante pé...

Vi-o afastar-se... esperei por elle muito tempo... voltou afinal com as mesmas precauções.

Brilhavam-lhe de um modo estranho os olhos... Poz-se um momento á escuta, olhou á roda, curvou-se, abriu a sua caixa de pinho e depositou nella muitas moedas de ouro!...

Attonito, eu não tinha animo para falar; mas comprehendendo qualquer cousa terrível, escondi o rosto abafando os soluços. Chorei e chorei muito!

Levantei-me no outro dia pallido, com os olhos injectados e a cabeça aturdida.

Não podia olhar de frente para o meu amigo, que era no entanto a unica pessoa caridosa para mim.

Ainda cedo o capitão, desesperado, notou que o haviam roubado.

Chamou tola a gente, interrogou a tolos; quando chegou a vez do meu

companheiro eu tremia, arquejava de medo, sustinha-me a custo em pé...

Elle não, completamente calmo, respondeu affirmando a sua innocencia.

Notaram a minha perturbação, fizeram-me perguntas sobre perguntas; tentei justificar-me, mas... ora adeus! ninguém me acreditou.

O capitão, enraivecido, mandou ao proprio criminoso que trouxesse a minha roupa—eu tinha apenas uma trouxinha!—e elle obedeceu! Vi-o voltar firme e resolutivo, pol-a aos pés do capitão e abril-a.

Os marinheiros em volta olhavam silenciosos. A manhã estava sombria, as aguas verdes, um vento gélido, forte, enfunava as velas, fazendo ranger as enxarcias e abalar os mastros.

O capitão ordenou a revista, olhando-me com desprezo.

Mais uma vez obedeceu o *meu unico amigo!* Procurou um momento, e de repente, revolvendo mais a roupa, tirou de dentro um punhado de libras.

O miseravel, temendo ser descoberto, puzera-as ali, e eu, desgraçado! cahi estendido, ouvindo a marinhagem vociferar contra mim!

Estive á morte muitos dias; ainda bem, doente fui expulso no primeiro porto. Felizmente encontrei ali um protector: no medico do hospital.

Vivi dois annos em terra, depois... não sei que attracção tinha para mim, o mar... voltei. Não me arrependo.»

O velho parou e limpou os olhos na manga.

Um dos grumetes perguntou então: E o maldito, o traidor, o ladrão, que fim levou?

—Não sei.

—Oh! pois não quiz vingar-se, Anselmo?

—Como me havia de eu viugar? matando-o? Mas não te lembras, desgraçado, que foi elle o primeiro homem que me estendeu a mão?

Os grumetes calaram-se. O velho, silencioso, deixou cahir a cabeça sobre o peito e mergulhou-se em tristes recordações.

Singrando as tranquillas aguas do mar, o vapor continuava no mesmo balanço monótono. Ouvia-se unicamente o som da helice numa cadencia rythmica.

JULIA LOPES

OS NOSSOS LIVROS

ROMANCES de *Délia*. *Uma victima*, *Duas irmans*, *Magdalena*, 1 vol, 370 pags. 1884.

Antes tarde do que nunca; não acham?

Ha muito tempo, confessamolo com as faces ruborisadas, ha muito tempo que tínhamos sobre a meza este elegante volume, que nos fora tão gentilmente offerecido pela sua auctora.

Lémolo e promettemos aos nossos botões: Amanhan diremos d'elle alguma cousa.

Amanhan... amanhan... e até hoje nem uma linha!

Se a talentosa escriptora não fosse, como nos afirmam, essencialmente bondosa, com certeza nos quereria mal por essa apparente desidia, por essa proteção que chega a parecer—pouco caso.

Antes, porém, que tal desdita nos fra, aqui estamos pedindo-lhe humildes perdões.

Que *Délia* repare nesse plural: perdões. E' que de facto não é um somente; —para o crime de só hoje, tão tarde, falarmos do seu livro; mas um segundo perdão lhe imploramos: —para o resumo e para a superficialidade d'esta apreciação.

Afim de não demoral-a por mais tempo,

pois demor adissima estava, não a aprofundámos nem a alargámos como pedia a importancia da obra.

Valha-nos ante a benevolencia da distincta prosadora o—*Antes tarde do que nunca!*

São tão raras entre nós as mulheres que, dedicando-se ás letras, concorrem a abastecer com os fructos do seu talento o nosso minguaudo commercio litterario que, quando alguma apparece devemos recebê-la com todas as honrarias e distincções.

Caso inda mais raro é dedicar-se alguma d'essas raras mulheres de letras —á prosa.

Poetisas, temos tido varias; e o nome que, primeiro occorre é o de Narcisca Amalia. Prosadoras—pouquissimas.

Ultimamente um nome de mulher tem apparecido em algumas folhas, e especialmente n' *A Semana*, subscrevendo contos primorosos no pensamento e na forma. E' a Exma. Sra. D. Julia Lopes, digna irmã da illustre poetisa D. Adalina Vieira, a laureada auctora das *Margaritas*.

De escriptora que, tão joven ainda, consegue fazer tão bella e tão boa prosa, temos o direito de esperar futuramente alguns livros de summo valor, d'esses que só as Becker Stowe, as Sand e as Daudet pôdem dar a lume.

Pelo mesmo tempo, ou talvez antes, fazia-se notar, aqui na Corte, assignando na *Gazeta da Tarde* alguns centos ligeiros e, posteriormente, tres ou quatro romancetes, este bonito e singelo nome:—*Délia*. Um pseudonymo; era claro.

Soube-se, porém, mais tarde, que era realmente o de uma escriptora.

Não satisfeita com os successos de jornal, demasiado ephemeros, aspirou *Délia* aos de livraria, e reunio em volume tres dos seus pequenos romances: *Uma victima*, *Duas irmans*, *Magdalena*.

Não podendo estudal-os destacadamente, em analyse detalhada, diremos a impressão geral que nos produsiram.

Essa impressão foi—que ha em *Délia* o estoffo de um grande romancista e que poucos terão tido tão brilhantes estréas. Sem preconceitos escolares, nem fins preconcebidos, sem biocos de falsa moral nem desgarres de *realismo* espalhafatoso, sabe *Délia* tecer com habilidade a urdidura dos seus romances e dar-lhe o preciso desenvolvimento, com singeleza na expressão, verosimilhança nos episodios, sentimento e colorido no estylo.

Grandes qualidades essas, que, continuandoella a trabalhar, farão de *Délia* uma romancista *hors ligne*.

Para sermos inteiramente justos, devemos dizer que não são os seus romances isentos de alguns senões, perdoáveis é certo, mas que prejudicam as suas innegáveis bellezas.

Um d'elles é o abuso que faz a romancista dos adverbios terminados em *mente*. Paginas ha em que se encontram seis e mais; por exemplo a pagina 7. em que ha sete adverbios em *mente*, um d'elles duas vezes empregado.

Uma ou outra inverosimilhança poderiamos tambem apontar, como a scena que abre o romance *Duas irmans*: aquelle pae é um monstro que somente como excepção rarissima poderá aceitar-se.

Se esses leves defeitos lhe apontamos é unicamente para provar á distincta escriptora que lémos com a devida attenção o seu livro.

Urge terminar. E terminamos felicitando cordealmente a auctora de *Magdalena*, e pedindo-lhe em nome do romance nacional que continue a trabalhar com esperanças e sem esmorecimentos.

MARCOS VALÊNTE.

CONTRASTE

Foi horrivel, phantastico o meu sonho !

Vl um monstro satanico, medonho,
olhos em labaredas coruscantes,
negro, escainoso o corpo, arrepiada
a juba, enorme a bocca escancarada !

Chegou, e logo as arvores gigantes,
em fremitos de horror,
curvaram-se; nas copas do arvoredo
gemia o vento em convulsões de medo.

Ku fôra visitar o meu dilecto
cantinho da floresta, embevecida
num doce bem estar, sereno, quieto;
lembrando horas de amor,
ali ficára com: que esquecida.

Despertei do lethargo; o monstro informe
olhava-me feroz;
apossou-se de mim um susto enorme,
não podia gritar nem dar um passo,
perdi acção e voz.

Escondida por traz do tronco amigo
de um olmeiro que amei, pedi-lhe abrigo...

Tantas vezes, exausta de canção,
pensara na celeste suavidade
de adormecer ali, na eternidade ! !

O ingrato olmeiro rio do meu tormento,
afastou a folhagem protectora,
e nem sequer ouviu o meu lamento;
com força sacudia a coma altiva,
dizendo á fera : Vem;
entrego-t'a sem pena. E eu, captiva,
presa ao solo, pensei :

« O' Deus clemente !
que me quer este monstro repellente,
o que llz eu, meu Deus ? » Então, de um ninho
uma voz doce, a voz de um passarinho
balbuciu : — « Tambem,
como tu, soffrerei, sendo innocente,
a morte ou a prisão;
has de morrer sem culpa, é lei da vida
não esperes perdão. »

Morrer !
Então o monstro que consome
as puras existencias indefezas
chama-se... O rouxinol disse baixinho,

com medo que o ouvisse do caminho,
a *rola afficta*, a doce esmorecida,
cantora de amarguras e tristezas:
— E' Calumnia o seu nome.

Dei um grito de horror, e, palpitante,
acordei; era dia.

Ouviam-se repiques de alegria.
Tudo era riso em volta; á cabeceira
um livro aberto: *O Abade Constantino*;
o meo canario, em gorgear divino,
convidava ao prazer; numa cadeira,
em frente ao toucador, tinba ficado
um ramo de violetas, perfumado,
que me adornara o seio; o sol, radiante,
atravessava o quarto, triumphante,
para me vir doirar o cortinado.
E Dinorah, gatinha alva de neve,
electrica, febril, graciosa, leve,
prender tentava a sombra da folhagem
da amendoeira, que uma branda aragem
movia no tapete.

Aquillo tudo
apagou a impressão do pesadelo;
ergui-me a meio sobre o cotovello
e murmurei a rir:
— Venha apoz o sepulchro escuro e mudo
o berço a trasbordar de luz e amores.
Apoz a noite negra e seus horrores,
o rutilo porvir !

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

BEPPIA

Chamala á policia, Beppa ouviu o
amante accusal-a de o perseguir com
instancias de amor, de procural-o em
toda parte, pondo embaraços ao seu
projectado consorcio, expondo-o ao ri-
diculo de um affecto exigente e ruído.

— Nunca fui seu amante unico, dizia,
estimei-a, fui muitas vezes á sua casa,
mas estou aborrecido, e além d'isso vou
casar-me...

Beppa era uma bonita rapariga,
muito branca, esbelta, de gestos prom-
ptos, o olhar luzente, tepido; com uma
bella cabeça á antiga, pequena, sobre
um pescoço elegante, sombreada a nuca
pela dourala pennugem da cabelleira
curta e encrespada, de um louro fulvo.

Apresentou-se sem mostrar medo e
falou de pé, muito direita, deixanlo
escapar um como que fluido sympa-
thico dos grandes olhos pardos, dos
labios carnudos, do collo redondo, ar-
fando precipite sob o *waterproof* es-
curo, de grandes botões lustrosos, ves-
tido ás pressas para obedecer á inti-
mação.

Numa linguagem viva, imaginosa,
vibrante, acompanhada d'esse ar so-
lemne, naturalmente tragico dos ita-
lianos, revelou um apego animal, um
amor cheio de meiguice, dando a im-
pressão de um esfrolar de azas, de um
leve roçar de ramaria tenra, e ao mesmo
tempo afogueado, louco. A expressão
de amor trespordante, lançada em um
italiano puro, tinha sonoridades exque-
sitas; sahia relonla e macia, mas ar-
dente, imperiosa quasi.

— Tudo o que elle diz é verdade, se-
nhor, falou á auctoridade, mas eu não
posso viver sem este homem. Olhe, já
tive idéa de o matar, cheguei a comprar
um revolver, mas recuei ao pensar que
o via morto. E acredite, cheguei a vel-o
assim, em sonhos, estendido no chão,
frio, tendo bem sobre o peito um furo
de bala. Acordava então, sobresaltada,
e notava o traveseiro molhado, os olhos
humidos, uma fadiga esquesita como
se eu tivesse chora lo muito.

— Mas tu recebias visitas, não era eu
o unico, falou-lhe o moço.

— Sim, para não te importunar com
pelidos de dinheiro, pois o que tão
gentilmente me offerecias, não bastava.
Eu tinha pejo em alugar-me, tinha
receio que me despresasses, mas consi-
derava essa vergonha um sacrificio.
Cheguei a supplicar ao dono do Hotel,
que já me tratava com desconfiança,
para não te falar na minha conta em
atraso, fazen-lo-me servir com o mesmo
ar de interesse com que tratava as ou-
tras. Eu só pedia o indispensavel e tinha
muitas atenções para com os creados,
nunca tinha pressa, pois notava em
todos elles má vontade.

As observações e conselhos da aucto-
ridade, respondeu que não havia de
persegui-lo mais; que, ou prendiam-n'a
desde logo, ou matava-se. E voltando-se
para o amante:

— Has de lembrar um dia que a
Beppa matou-se por tua causa. Pela
primeira vez sou chamada á policia,
e para ouvir que me aborreces! Pois
bem, quer queiras, quer não, has de
pensar em mim.

E estendia os braços com certa rijesa
colerica, mas em tocando os hombros
do moço, afrouxavam os musculos e as
mãos enludadas roçavam pela gola do
fraque, escorregando mollemente, a
medo.

Parecia calma, mas os lampejos subi-
taneos do olhar, o fremito dos labios, o
movimento nervoso do pé, as pancadas
curtas e repetidas com a mão nas costas
da cadeira, tudo mostrava excitação
mal contida. O seu falar corredio, ex-
pressivo, indicava uma rapariga intel-

ligente, de um temperamento nervoso,
cállido, de uma sensibilidade sujeita a
espasmos; natureza impressionavel, al-
tiva e voluntariosa, seante ao amor,
qual um vaso de finissimo crystal soa
longamente ao mais ligeiro toque.

Sempre apaixonada, fazia recrimi-
nações medrosas, pronunciava com
delicia o nome do queixoso, pedindo
perdão por querer-lhe tanto, dizendo
não poder supportar a idéa de vel-o
com outra mulher.

— Tel-o outra mulher, isso nunca.

E voltando-se para a auctoridade,
que estranhava tanto amor por um
homem que a despresava:

— Mas, eu não creio nesse despreso,
e tudo isso, essa friesa mesmo, me excita.
Que quer ? !

Houvera por parte d'elle promessa de
ligação duradoura e Beppa acreditara
nesse paraíso desenhado entre beijos,
do rebentar expontaneo e inconsciente
das promessas. Em horas de isolamento,
eixára a phantasia correr ás soltas, na
briedade de um desejo que a levantava
da mesquinha existencia, de um sonho
que a tornava melhor fazendo-a uma
senhora.

— Mas ouve, Beppa, eu não te quero
mais; olha, agora, e puxando o relógio,
á uma da tarde, em presença da policia,
declaro que estou farto de ti.

Das janellas do primeiro andar so-
prava um vento fresco, leve; do ceu
puro, de um azul macio, do ar que se
respirava, como que vinham canticos
de amor. O sol enclia as ruas, abrindo
chispas nos trilhos, palhetando de ouro
as venezianas descidas, espelhan lo as
folhas esguias das palmeiras, mettidas
em tinhas verdes, á porta de um café
fronteiro, onde á roda das mezas, riam
com barulho, freguezes de barba esca-
nhada e camisa tinta de anil.

— Pois bem, disse ella, tomando-lhe
a mão com respeito, como quem segura
um objecto quebradigo e caro, não te
importunarei mais... Mato-me.

E falava com singelesa, tal qual
sentia, sem gritos.

— E' pena, tenho vinte e quatro
annos !...

Já não se mostrava agitada; tinha as
palpebras muito abertas, o olhar pa-
rado, levado ao longe pelo pensamento
os olhos humidos parecendo lavados de
fresco.

Como que esquecida, sem reparar
naquelles homens que a cercavam,
guardava entre as suas a mão do
amante...

E, respondendo a pensamento intimo,
repetia :

— Mato-me...

CYRO DE AZEVEDO.

SPORT

As corridas do ultimo domingo no
Prado Villa-Isabel desafiarão grande
concurrência por causa do excellente
programma, e tiveram o seguinte re-
sultado:

No 1º pareo (300 metros) deixando
de correr *Carola* e *Savana* que não quize-
ram matar-se, conseguiu *Sirodio* vencer
com toda a facilidade, o que nos satisfez
por ser o palpito que apresentámos.

Contra a expectativa geral ganhou
Mandarim os 1450 metros do 2º pareo:
ou melhor... quem venceu foi o velho
Luf. Não admira que nos tivéssemos
enganado. E depois... tantas sahidas
falsas...

No 3º pareo todos viram que *Salta-
relle* perdeu por cabeça, e que *Boyardo*
ganhou por não haver lutado. Isto em
1800 metros é de uma vantagem im-
mensa.

Que lhes disiamos, amáveis leitores, relativamente ao 4º pareo? Lembram-se de que lhes apontámos *Creusa* como corrida certa? O grande caso é que ella sahio victoriosa em 120 segundos, montada por Best, que d'esta vez mostrou-se bom jockey. O Exm. Barão da Vista Alegre possui em *Creusa* um dos nossos mais valentes animaes de corrida e a prova está na facilidade com que no 6º pareo (1450 metros) tornou ella a ganhar de *Saphira* em 93 segundos. Vê-se por ali que *Creusa* não só tem grande fundo como velocidade.

A victoria de *Diomède* nos 1000 metros foi exclusivamente devida ao modo irregular pelo qual *Africa* guerreou *Françoise*, que deveria ganhar. Os juizes de raia d'esta vez, aborrecidos com o intenso calor, não se lembraram de attender convenientemente...

No 7º pareo (1300 metros) bem disse-mos nos que confiavamos na velocidade de *Bayocco*. Apesar da sahida favoravel a *Aymoré*, foi aquelle o vencedor.

Difficilmente o publico ha de ter este anno um programma tão esplendido como o de amanhã no *Derby-Club*, que fará inauguração de todas as importantes obras de seu hippodromo.

Recomendamos aos amadores a nossa ultima pagina e passamos a emittir a nossa opinião.

No 1º pareo deve ganhar *Druid*.

No 2º pareo, não se admirem, temos muita confiança em *Boreas*.

Regalia deve com facilidade ganhar os 1750 metros e os 1450 seguintes temos temos fé que sejam de *Druid*.

No 5º pareo ainda confiamos em *Boreas*, apesar de que *Masqué* é cavallo de fundo.

Chegamos ao 6º pareo, e o achamos muito duvidoso, entre *Damietta*, *Atalanta*, *Comtesse* e *Taillefer*. Siga cada um seu palpite.

No 7º pareo nos inclinamos para *Gaudriole*. A raia do *Derby* é favoravel a esta e tem sido fatal a *Aspazia*.

No 8º pareo apenas apresentamos os animaes que podem ganhar. São elles *Savana*, *Sirodio*, *Carola* e *Conde*. Escolham á vontade.

L. M. BASTOS.

A VIDA ELEGANTE

Para *A Semana* a semana passada passou sem *soirées*, é por isso, quem sabe? ó formosa leitora, este vosso humilde creado não teve a immensa ventura de contemplar-vos entre uma boa polka e uma vaporosa walsa.

Mas, ainda assim,—com perdão de V. Exa, minha senhora—não tenho de que queixar-me, porque fui ao Club Beethoven.

Lembro-me bem que ás sete horas, mais ou menos, da noite de sexta-feira, estava eu sentado, pensando não sei em que, quando o meu amigo *Filindal* arregalando muito os olhos, gritou-me de repente ali da sua grande meza cahotica, cheia de papeis, livros, jornaes, canetas, tinteiros, pennas e o diabo:

—Olá, amigo, e então o Club Beethoven?

Nem sequer um monossylabo proferi. Incontinenti atirei-me pelas escadas abaixo, subi a rua do Ouvidor, metti-me num bond e dei commigo nos magnificos salões do Club Beethoven, onde uma escollida sociedade onvia nada mais, nada menos do que as melhores peças dos mais notaveis compositores, executadas por distinctissimos violinistas e pianistas, que tolos nos co-

nhecemos; d'entre os quaes, para a leitora desespere-se por não ter podido ir ao Club Beethoven,—mesmo porque lá não é permittida a entrada ao bello-sexo,—é bastante citar Arthur Napoleão e Otto Beck.

Depois de tudo isto a leitora dirá com os seus botões:

—Que felizardo!

LORGNON.

TRATOS Á BOLA

Eu, que hoje embocar venho a *trattistica* tuba
Em vez do *Pastel*, ó leitoras peregrinas
leitores, não foi de Itaquecetuba
E nem ta'n pouco foi das clárneccas de Minas

Que eu vim; mas de um logar mais feio, mais
longinquo,
Mais pavoroso e mais tristonho,—ermo dos
ermos!

Eu que, pela oração, já me acho mais pro-
pinquo
Do céo do que da terra inçada de estafermos,

Deixei a solidão do meu tétrico berço,
Para vos vir encher de *trattices* a bola:

Tratos feitos com má prosa e prosaieo verso,
Porém que hão de fazer arder muita cachola.

D'este jornal, um dia, ao ler uns certos nu-
meros,

Achei tanta charada insulsa e deshumana,
Que um fremito senti correr-me desde o hu-
merus

A' clavicula, do tibia á calote craneana.

E, em seguida, ageitando sobre o craneo
O capuz e calcando as alpercatas,
Surgi do meu escuro subterraneo
E caminhei p'ra aqui, qual negro espectro,
P'ra mandar o *Pastel* plantar batatas

E pôr de lado o plectro.

E aqui venho desvendar-vos
Arcanos *logogrifanticos*,
Jorros de enygmas, Atlanticos
De charalats exquisitas,
Que hão de causar dôr de cabeça aos parvos
E vos hão de alegrar, moças bonitas.

Sabeis quem sou e onde habito?
Eu, que esconjuro o diabo,
Não sou Ash'vero o precito,
Nem sou aquelle occulto e grande cabo.

Eu vim das ruinas de escuro claustro
Que em Macacú causava horrores aos *panca-*
das;

Não vim de bonde, nem vim de plaustro,
Mas, sim, a pé, calcando a lama das estradas.

Co' o cabelo solto
Aos tufões, revoltos,
Tendo o corpo envolto
No burel,
Cheio de *trattices*,
De *logogrifhices*,
Mas sem as tolices
Do *Pastel*.

Já fóra da tóca,
Sem tir-te nem guar-te,
O' gente carioca,
Leitores de toda a parte,
Rugados velhuscos
E filhos da aurora,
Rapazes patuscos,
Vae off'recer-vos agora,

Grandes difficuldades
De sabio lindu
O ultimo dos frades
De Macacú.

Começarei por uma charada

ANTIGA

Tratista, repara,
Que é cousa bem pouca:
São duas da cara,
Só uma de Eutherpe,
E as tres são da bocca:
Quer seja de serpe,
Quer seja dos galgos,
Quer seja das lontras,
De sucios, fidalgos,
De sogra ou madrastra,
Farroupas, bilontras
E bestas e... basta.

Agora uma novidade:

ANGULO E X

« O' que opulencia de via!
Que voz tão desengraçada!
Que concerto! que harmonia! »

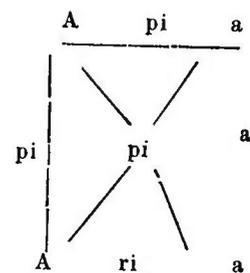
No « Almanach de Lembranças » de Rodrigues Cordeiro encontramos a explicação d'esta especie de charadas.

E' a seguinte:

« Só adivinhará bem a pessoa que conseguir que se leia a primeira palavra adivinhada nos dois lados de um angulo, nas quatro pontas de um X, e no ponto em que as duas aspás se tocam, não destruindo, antes auxiliando as palavras dos outros dois ternos esta disposição.

Será *Apia*, na charada supra, a grande estrada dos romanos, a opulenta via? Será *pipia* á voz desengraçada? Será a coisa harmoniosa a *aria*? Será: se collocada a palavra *Apia*, como já dissemos; collocando por baixo, cortando o eixo do X, a palavra *pipia*, e numa terceira linha *aria*, fizerem com que a primeira palavra—*Apia* se leia nos dois lados de um angulo, no centro e nas quatro pontas de um X.

D'este modo:



O inventor d'estas charadas é o Sr. Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior.

Agora, que já se acha explicado o modo porque ellas se decifram, damos uma, abaixo, afim de ver se os senhores amadores dos *Tratos* conseguem metter-lhe o dente.

Ahi vae:

Quando isto anda por dentro dos esophagos, 1ª, 2ª, 3ª,
Muito encommodo causa, alva menina—
1ª, 2ª, 3ª.
Que és dos jardins e não dos anthropophagos.—1ª, 2ª, 3ª

Em seguida, mais estas outras especies, com que os amáveis *trattistas* já se acham de certo bastante relacionados:

NOVISSIMAS

I

1—1—1—E' sobre-nome no charco, porém na mesa é molestia.

II

1—2—Este adverbio é homem? Não, é quadrupede.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Al não são feias estas pinturas,
E eu não creio que melhores hajam (*)
Estrangeiras estas creaturas,
De longe vem:—ha muito viajam.—
Que isto é pedra duvidar não posso,—
E isto uma letra; ereia-me, moço—

N. B. Começa-se a decapitar do fim.

AUGMENTATIVA

(Por syllabas)

Esta nota—em banda—dança-se.—
N. B. Augmenta-se a partir do fim.

INVERTIDAS

I

2—Direita é bieho engraçado,
Inversa é do magistrado.

II

2—Direita no buraco,
Inversa na balança;
Mata-me o bicho,
Leitor, avança.

TELEGRAPHICAS

I

1—Gil é nome.

II

2—Bola na cabeça.

Dados os *Tratos*, ó bons *traístas*,
Tratem de ouvir-me, que eu 'stou tratando
De dar *tratos à bola*—preparando

Premios de dar na vista.

E' a mais agradável das surpresas:
E' de encher d'agua a boea do Demônio,
E de causar fanticos ás princezas!...
Herança foi do santo Frei Symphronio;
Decifradores, aguçaes as presas!
Creado vosso humilde

FREI ANTÓNIO.

THEATROS

EMPRESA MONTEDONIO

Realisou-se no sabbado, 17 do corrente, como estava annunciado, a inauguração dos trabalhos d'esta nova companhia no theatro *Phenix Dramatica*, com a primeira representação do drama em 6 actos *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, extractado por Carlos Borges do admiravel e celebre romance do mesmo titulo, do mallogrado Gomes Coelho (*Julio Diniz*.)

A *Semana*, não podendo infelizmente dispor de espaço sufficiente para uma apreciação demorada e conscienciosa d'essa representação, vem unieamente juntar os seus vivos e estrépitosos applausos aos muitos que por toda a imprensa foram dispensados á nova companhia organizada e dirigida pelo Montedonio, e especialmente a este sympathico e propecto artista, que no difficil papel de Thomé da Póvoa conquistou incontestavelmente o direito de ser considerado—um grande actor.

Perdoe-se nos esta anticipação encomiastica. Fizemol-as porque bem a me-

(*) O' rima, a quanto obrigas!

recia o Montedonio, pois que a elle, sobre todos, cabem as felicitações pela noite de sabbado; não só pelo desempenho que deu ao seu papel, como porque veio offerecer-nos nesta quadra ingrata de esterilidade theatral os trabalhos de uma companhia muito regular, composta de artistas na mórparte propectos e festejados, e mais porque conseguiu que a sua companhia representasse aquolle bello drama com uma comprehensão e um euidado artisticos realmente notaveis.

Ha muito não viamos—e depois da partida da companhia Duse-Checchi não o esperavamos ver tão cedo—uma representação dramatica tão egual, tão harmonica, tão caprichada.

Tres papeis tiveram um desempenho magistral:—os de D. Luiz (Gama), Thomé da Póvoa (Montedonio) e Frei Januario (Pestana); os restantes papeis de importancia, Mauricio, Baroneza, Anna do Vêdor, Bertha e Jorge tiveram desempenho muito aceitavel, geralmente bom—por parte de Sepulveda, D. Julia de Lima, Adelina Montedonio, A. de Bellido e Arthur Bellido. Senões, houve os sem duvida, mas o desempenho mereceu tantos louvores que não vale a pena falar nas falhas que se lhe notaram.

Via-se que Montedonio tinha sido ineansavel nos ensaios e que nada havia escapado á sua direcção artistica.

O gosto e o capricho com que preparara a representação da excellente peça em tudo se reconheciam: na interpretação dos papeis, no vestuario e na caracterisação dos personagens e na *mise en scene*. Todos estavam trajados com rigor local, o que combinava agradavelmente com o apropriado da mobilia e mais accessorios.

Tudo isto posto ao *serviço* de um drama encantador pela naturalidade das scenas e dos dialogos, admiravel como pintura de costumes e agradabilissimo pela suavidade dos sentimentos e pela intensidade das paixões que nelle se debatem, devia forçosamente produzir a impressão que effectivamente produziu:—contentamento completo e geral.

Folgamos com o exito alcançado em sua estrêa pela companhia Montedonio, e sinceramente lhe desejamos aquillo que pelos seus esforços merece:—vida longa, gloriosa e, sobretudo—lucrativa.

O diabo é estar trabalhando na *Phenix*, um theatrinho tão fora de mão... E', todavia, possível que o merecimento excepcional da companhia, (o qual augmentará com o reforço de Eugenio de Magalhães e Ismenia) consiga vencer no publico a ogerisa pela *Phenix*.

Amen!

P THALMA.

P. S. Montedonio, conveuido pelas continuas vasantes de que é impossivel levar publico á *Phenix*, suspendeu as representações nesse theatro e mudou-se para o *Principe Imperial* com *Fidalgos* e bagagens. O publico corresponderá ao trabalho e aos merecimentos da companhia.

FACTOS E NOTICIAS

Faz hoje annos a Exma. Sra. D. Orminda Rocha Victorio da Costa, esposa do Dr. Emygdio Victorio da Costa.

A' gentilissima e respeitavel senhora os nossos complimentos.

QUE LUVAS!

Os Srs. Martins Torres & C. proprietarios da importante fabrica de luvas

da rua da Uruguayana n. 66—são de uma danabilidade, como diremos?... inactivavel!

Ora imaginem que, havendo—não sabemos como—descoberto as letras dos nossos admiraveis collegas *José do Egypto* e *Filindal*, presenteariam-os com dois pares de luvas *peau de Suède*, mais do que outros commoventes.

E ahí tem a *Luvaria Parisiense* com os agradecimentos do *José do Egypto* e do *Filindal*,—que já não querem mais trabalhar para não tirar as luvas—uma *reclame*... de graça. E bonito é que a *reclame* vae bem á *Luvaria Parisiense* como... uma luva!

Do Sr. Augusto Gomes Ferreira recebemos um convite para assistir amanha, ao meio dia, á abertura inaugural das casas do primeiro quarteirão da rua do Cardoso Junior, nas *Laranjeiras*. Agradecemos e não faltaremos.

Dos Srs. Pio Carozzi e Leo F. Spandonari recebemos uma circular annunciando o apparecimento de um novo jornal *Corriere d'Italia*, para o dia 1.º de Novembro proximo. Durante esse mez e o seguinte será o *Corriere* publicado duas vezes por semana, passando a ser quotidiano em 1886. Seja bem vindo.

Acha-se entre nós o Sr. capitão Cezar Junior, collecter em Santo Antonio de Palua. A *Semana* comprimenta o distincto cavalheiro, de quem tantas amabilidades tem recebido.

RECEBEMOS

—O *Instituto Abilio*, methodo, collegios e compendios, por Felix Ferreira. 200 paginas. Obra importante, de que nos havemos de occupar.

—*Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil*, director Dr. Antonio Zeffirino Caudido. 2ª serie. N. 1.

—O *Mequetrefe*, n. 338. Interessantissimo nos desenhos como no texto.

—*União Médica*, anno V, fasciculo n. 10. Muito importante.

—*Gil Braz de Santilhana*, editor David Corazzil; fasciculo n. 8, com um formoso elromo.

—*Revista da Escola de Marinha*, n. 14. Anno V.

—*Asylo de ensino profissional da Sociedade Portuguesa de Beneficencia*, primeira exposição em 27 de Setembro de 1885, organizada pelo Sr. Commendador Luiz de Faro.

—*Tribuna Academica*, n. 1, S. Paulo; directores Paula Novaes e F. de Campos Junior. São seus redactores dez distinctos academicos.

—*Revista de Engenharia*, ns. 122 e 123; excelente e aereadida publicação, que é ocioso recommendar aos senhores engenheiros.

—*Revista Illustrada*, n. 410. Na forma do louvavel costume:—boa pilheria, critica acerada e justa, desenhos magnificos.

—*Cadastro da Policia*, fasciculo n. 34.

—*Contribution à l'étude clinique des applications therapeutiques de l'antipyrine* pelo Dr. Clemente Ferreira. Ao nosso collega Dr. Saben para dar parecer.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das erianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA, A REALIZAR-SE NO
DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO, 5:000\$000

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes do paiz, até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

Nº.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Bitter</i>	Zaino.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
3	<i>Americana</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
4	<i>Salina</i>	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	55 »	Ouro.....	Coudelaria Nacional.
5	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Cinzeno.....	A. C.
6	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança
7	<i>Aymoré</i>	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	60 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	<i>Príncipe Alberto</i>	Zaino.....	7 »	Paraná.....	56 »	Branco e azul.....	J. Guimarães.
9	<i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	<i>Fanfarron</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	53 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Nanú</i>	Zaino.....	4 »	Inglaterra...	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
3	<i>Phrinéa</i>	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	<i>Boreas</i>	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e Ouro.....	Coudelaria Alliança.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1,750 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	<i>Bayoco</i>	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	Idem.....	58 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	<i>Douro</i>	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	<i>Guanaco</i>	Alazão tost...	9 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. R. Grandense.
5	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e preto.....	J. W.

Quarto pareo—EXCELSIOR—1,450 metros—Animaes do paiz até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	<i>Aurelia</i>	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	47 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	Idem.....	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	<i>Mandarim</i>	Rozilho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
4	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—2,000 metros—Animaes do paiz até puro sangue—Premios: 1,200\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	<i>Sans-Souci</i>	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	56 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Douro</i>	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
3	<i>Electrica</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	<i>Jaguary</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	J. C.
5	<i>Boreas</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
6	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
7	<i>Coralia</i>	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	D. P.
8	<i>Masqué</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Branco e rosa.....	Coud. S. Raphael.

Sexto pareo—GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO—3,200 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 5:000\$ ao primeiro e 1,200\$ ao segundo

1	<i>Speciosa</i>	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	49 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Americana</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	44 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
3	<i>Damietta</i>	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	52 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	<i>Comtesse d'Olonne</i>	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Atalanta</i>	Castanho.....	6 »	Inglaterra...	54 »	Ouro branco e faxa.....	Coud. Fluminense.
6	<i>Taillefer</i>	Zaino.....	4 »	França.....	55 »	Encarn. e manga azul claro	Coud. Americana.
7	<i>Curubaia</i>	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	54 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
8	<i>Creusa</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Animaes estrangeiros até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	<i>Françoise</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Gaudriole</i>	Castanho.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Sornette</i>	Zaino.....	3 »	França.....	51 »	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
4	<i>Aspasia</i>	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Oitavo pareo—E. D. D. PEDRO II—Handicap—1,450 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	<i>Bella Yayú</i>	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	57 kilos	Azul e rosa.....	Coud. Amadores.
2	<i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Paraná.....	49 »	Vermelho.....	J. da Rocha Franco.
3	<i>Sabina</i>	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro.....	Coud. Nacional.
4	<i>Derby</i>	Alazão.....	7 »	Paraná.....	48 »	Ouro e bonet azul.....	Coud. Nacional.
5	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	61 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	<i>Carola</i>	Castanho.....	6 »	Minas Geraes	52 »	Azul e encarnado.....	P. & Nunes.
7	<i>Arenas</i>	Douradilho..	5 »	Rio da Prata	48 »	Branco e grenat.....	J. P.
8	<i>Conde</i>	Castanho.....	8 »	Paraná.....	53 »	Vermelho e faxa preta....	Carlos Coutinho.
9	<i>Fils du Diable</i>	Tordilho.....	5 »	Rio da Prata	50 »	Encarnado e ouro.....	Coudelaria União.
10	<i>Sirodio</i>	Castanho.....	5 »	R. G. do Sul..	50 »	Ouro e encarnado.....	Coud. Major Sukow.
11	<i>Zaire</i>	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Azul e rosa.....	P. S.
12	<i>Savana</i>	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	52 »	Verde e branco.....	D.

NOTA --Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no prado ás 11 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.